

**PINGA-FOGO**

■ **O DEBATE DA FUSÃO DA GUANABARA E ESTADO DO RIO 50 ANOS DEPOIS - O grande debate de 2025 são os resultados e malefícios que perduram até hoje a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio, que completa, em 01 de março, 50 anos. A fusão foi decretada pelo presidente Ernesto Geisel em 12 de julho de 1974, pela Lei Complementar n 20, e implantada a partir de 1º de março de 1975. A ideia de unir a cidade do Rio ao estado do Rio não era nova, mas enfrenta resistências variadas.**

■ **Quem vai pilotar este debate é o cientista político Rodrigo Abel, secretário do Gabinete do Governador Cláudio Castro, que, há meses, se debruça sobre o tema e incentiva um raio X, motivando seminários e estudos acadêmicos.**

■ **A fusão proporcionou um laboratório vivo sobre superposições de setores e conflitos que perduram até hoje.**

■ **FESTA CARIOCA NA CÂMARA - Os convidados da posse dos vereadores e do prefeito do Rio, na Câmara, ontem de manhã, foram recebidos à melhor moda da cidade: com a inseparável dupla de sucesso nas praias, biscoito Globo e mate. Um simpático agrado a quem acordou cedo e enfrentou o calor para prestigiar a ocasião.**

■ **UNANIMIDADE DUPLA - Carlo Caiado (PSD) foi reconduzido a mais um mandato como presidente do Legislativo municipal, o terceiro. E conseguiu repetir o feito de se eleger com todos os 51 votos. O jovem político foi o primeiro a conseguir a aprovação unânime de todos os colegas, em 2023, graças às mudanças que implementou na gestão da Casa e ao diálogo respeitoso que mantém com todos os vereadores.**

■ **AO MESTRE COM CARINHO - Padrinho político das principais lideranças atuais da cidade do Rio, César Maia recebeu o carinho de seus pupilos. O ex-prefeito**

foi devidamente mencionado como uma inspiração para Carlo Caiado, em seu discurso de recondução à presidência da Câmara, assim como na fala de Eduardo Paes. O prefeito ressaltou que, com muita honra, tomou o lugar de Maia como o mais longo, ao iniciar seu quarto mandato. Maia também foi o primeiro a assinar o livro de posse. Por problemas de saúde, ele permaneceu em seu carro, e Caiado levou a ele o documento histórico.

■ **FAMÍLIA UNIDA - Em seu primeiro mandato de vereadora, Helena Vieira (PSD) chegou acompanhada dos dois irmãos que entraram na política antes dela. Luciano Vieira (Republicanos-RJ) é ex-vereador e atual deputado federal. Já o ex-deputado estadual Leo Vieira (Republicanos) prestigiou a irmã antes de ele mesmo tomar posse como prefeito de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.**

■ **GUARDA MUNICIPAL FINALMENTE ARMADA - O armamento da Guarda Municipal do Rio, tema caro ao prefeito Eduardo Paes, parece que finalmente vai sair do papel. O assunto da Segurança Pública, que foi muito debatido durante a campanha, também é uma preocupação do presidente Caiado. O vereador não esconde que gostaria de ter votado a pauta ainda em 2024, mas não foi possível por falta de consenso entre os líderes dos partidos. Com a garantia do Prefeito de que o papel da GM na segurança da cidade será revisto, Caiado reafirmou sua determinação em, enfim, dar um desfecho para o imbróglho que se arrasta desde 2018.**

■ **PRESENÇA NA PREFEITURA - O deputado Claudio Caiado (PSD) pode ter voltado para a Alerj, mas o grupo do presidente da Câmara continua representado na Prefeitura. O braço direito de Carlo Caiado, Gustavo Freue, tem a importante missão de zelar pelas comunidades na Secretaria de Ação Comunitária. E na subprefeitura da Barra, Leandro Marques fica no lugar de Raphael Lima.**



Fotos CM



Em destaque, o vereador Carlo Caiado, reconduzido por unanimidade para a presidência da Câmara Municipal do Rio. Uma demonstração inequívoca de força, prestígio e alta capacidade de articulação com seus pares na Casa Legislativa. Solenidade foi realizada neste dia 1º de janeiro



O deputado federal Pedro Paulo ao cumprimentar a vereadora empossada Talita Galhardo



O cumprimento entre Eduardo Paes e Carlo Caiado, que estarão à frente do Executivo e Legislativo carioca



O deputado estadual Cláudio Caiado, ao lado da deputada federal Laura Carneiro



Caiado, ladeado pela colega vereadora, Joyce Trindade



Na ordem: os vereadores Átila Nunes, William Coelho, Tânia Bastos Rafael Aloísio, o vice-prefeito Eduardo Cavaliere, o presidente Carlo Caiado, prefeito Eduardo Paes e a vereadora Tainá de Paula



Solenidade no Palácio Pedro Ernesto empossando, pela quarta vez, Eduardo Paes como prefeito da cidade do Rio de Janeiro. À esquerda, o vice empossado Eduardo Cavaliere



Pela ordem: os irmãos Carlo e Cláudio Caiado, o secretário de Ação Comunitária, Gustavo Freue, e o Subprefeito da Barra, Recreio e Vargens, Lezinho Leandro



Reeleito presidente da Câmara do Rio, Carlo Caiado, acompanhado das filhas, durante o juramento

**Fernando Molica**

**Com vetos, Lula marca posição no embate com o Congresso e com a Câmara**

O freio de arrumação dado pelo ministro Flávio Dino nas emendas parlamentares, operações da Polícia Federal e o fim do reinado de Arthur Lira (PP-AL) na Câmara deram a Lula (PT) a segurança para tentar diminuir a balbúrdia do Legislativo em seu governo.

Na saída de 2024, o presidente vetou, na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2025, um aumento na forma de reajuste do Fundo Partidário e a garantia de preservação do pagamento de emendas individuais em qualquer situação.

As decisões do presidente e a recomendação da Advocacia-Geral da União de não pagamento das emendas vetadas por Dino reforçam a impressão de uma tabelinha entre o Palácio do Planalto e o ministro do Supremo Tribunal Federal e aumen-

tam o risco de uma retaliação do Legislativo a partir de fevereiro.

Mas Lula decidiu pagar para ver, mesmo diante da possibilidade de o Congresso derrubar seus vetos — na avaliação do governo, o fato representará um desgaste a mais para o Legislativo. O Planalto sabe que, apesar da polarização nacional, eleitores da esquerda e da direita não gostam dessa história de dar ainda mais dinheiro para partidos políticos nem da permissão para parlamentares distribuírem verbas como aqueles aviõezinhos que Silvio Santos lançava para a plateia. Precisava, também, dar uma demonstração de força.

Há também a expectativa de que, com Hugo Motta (Republicanos-PB) no comando da Câmara, a relação com a Casa não tenha o aspecto

facia no pescoço praticado por Lira. O provável futuro presidente tem perfil mais amistoso e, apesar de jovem — 35 anos — é experiente (exerce mandatos de deputado federal desde 2011) e construiu uma boa relação com colegas de diferentes partidos.

A capacidade de diálogo de Motta foi um dos fatores decisivos para que fosse indicado para a sucessão de Lira e desemperrasse o jogo na disputa entre Elmar Nascimento (União-BA) e Antonio Brito (PSD-BA). O primeiro é tido como ríspido; o segundo, de ser ligado demais ao Planalto. O governo sabe que Motta não poderá agir contra os interesses corporativos de seus colegas, mas espera que a relação seja menos conflituosa.

Já no Senado, a situação será inversa. O moderado e conciliador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) —

excessivamente mineiro até para os padrões políticos de seu estado — dará lugar a Davi Alcolumbre (União-AP), que encarna o papel de presidente de um imaginário sindicato de senadores. Ele, porém, não costuma exercitar o estilo trator de Lira. A transição nas duas Casas é também uma chance para ocupação de espaços pelo governo.

Avalia também que a entrega de ministérios ao Centrão servirá para acalmar o Legislativo. A consolidação e ampliação da base de apoio no Congresso no início de 2025 é vista como fundamental para viabilizar a formação de uma frente de partidos que apoiem a chapa que deverá ser encabeçada por Lula em 2026.

A teimosia do inegável Jair Bolsonaro em se lançar à Presidência é encarada como um trunfo pelos pe-

distas, que colabora para desarticular a direita e inibe o lançamento de outras candidaturas.

Pouca gente do campo conservador quer uma briga aberta com o ex-presidente, sempre disposto a falar em traição e a arremessar petardos verbais na direção de aliados.

Lira tentou ao máximo quebrar a resistência de Dino, mas, na prática, reconheceu que não havia mais o que fazer. O Planalto, agora, conta com o recesso do Congresso para esfriar os ânimos e torce para que a PF avance um pouco mais nas investigações sobre malfeitos na aplicação das emendas, o que reforçaria a ideia de que muitas delas são pretexto para a aplicação irregular de verbas públicas.

O governo tenta aproveitar o recesso do Congresso e procura mostrar que está vivo.